CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
9 de setembro de 2026

NEW YORK STORIES / 1989

Histórias de Nova Iorque

um filme de Martin Scorsese, Francis Ford Coppola e Woody Allen

LIFE LESSONS

Realização: Martin Scorsese / Argumento: Richard Price / Fotografia: Nestor Almendros / Montagem: Thelma Schoonmaker / Intérpretes: Nick Nolte (Lionel Dobie), Patrick O'Neal (Philip Fowler), Rosanna Arquette (Paulette).
Produção: Barbara De Fina.

LIFE WITHOUT ZOE

Realização: Francis Coppola / Argumento: Francis Coppola, Sofia Coppola / Fotografia: Vittorio Storaro / Montagem: Barry Malkin / Música: Carmine Coppola / Intérpretes: Heather McComb (Zoe), Talia Shire (Charlotte), Giancarlo Giannini (Claudio).
Produção: Fred Roos, Fred Fuchs.

OEDIPUS WRECKS

Realização e argumento: Woody Allen / Fotografia: Sven Nykvist / Montagem: Susan E. Morse / Intérpretes: Woody Allen (Sheldon Mills), Mia Farrow (Lisa), Mae Questel (Sadie Millstein).
Produção: Robert Greenhut.

Produtores Executivos: Jack Rollins, Charles H. Joffe, para a Touchstone / Cópia: DCP, cor, legendada eletronicamente em português, 124 minutos / Estreia em Portugal: Apolo 70, Ávila, Las Vegas, Londres, Quarteto e São Jorge, em 12 de Maio de 1989.

Reunir no mesmo filme três dos maiores realizadores americanos da época, eis a proeza levada a cabo pela Touchstone, uma subsidiária das Produções Walt Disney. O projecto, à partida, não deixa de ser interessante, ao recuperar uma fórmula antiga, a do filme em *sketches*, em que os episódios surgem atravessados por um tema comum. A fórmula é conotada principalmente com o cinema italiano que a utilizou em profusão nos anos 50 e 60, mas é comum a todas as cinematografias e pode mesmo dizer-se que os EUA foram os seus pioneiros com **Intolerance**, de Griffith (1916), voltando a ela com uma certa periodicidade: **If I Had a Million** (1932), de Lubitsch e outros, **Tales of Manhattan** (1942), de Duvivier, **O'Henry's Full House** e **The Story of Three Loves** (1953), de Minnelli e Reinhardt, entre outros.

O tema comum a **New York Stories** é referido no próprio título: a cidade de Nova Iorque e a função que tem para cada um dos autores. Para um, é um campo de criação artística, onde se

manifestam os mais estranhos fenómenos que só o artista é capaz de perceber e de plasmar na sua criação. Mas este processo faz-se através de um doloroso corte da realidade. Lionel Dobie (Nick Nolte) vive da e para a pintura. Tudo o resto, pessoas e paisagem, apenas funcionam como referentes para o seu trabalho. A ligação de Scorsese em relação à cidade é a de uma colagem. Os personagens estão lá quase de forma indiferente. A cidade é o seu habitat e passam por ela com indiferença. É o traço que caracteriza todos os personagens de Scorsese que habitam a grande cidade, e dela só se apercebem quando transgridem a norma, surgindo-lhes então como um meio quase fantástico. **Life Lessons**, o segmento com que contribuiu para **New York Stories**, surge como o complemento directo na oração de Scorsese de que **After Hours** é o sujeito.

Em contrapartida o episódio (ou segmento) de Coppola corresponde ao olhar distanciado, aquele que retém apenas o aspecto maravilhoso e exótico. A presença de Coppola não corresponde de qualquer forma a um enxerto artificial. Como os outros realizadores que aderiram ao projecto, também ele é um cineasta nova-iorquino. E essa filiação talvez se torne mais evidente graças à distância que Hollywood lhe permite e autoriza. O olhar da capital do cinema sobre outros lugares é sempre transfigurador. **Life Without Zoe** surge, desta forma, como o resultado do toque de uma varinha de condão ou do pó mágico da fada Sininho (para nos ficarmos pelo mundo de Disney, dado que o filme vem dos seus estúdios) sobre a cidade de Nova Iorque, transformando-a num exótico mundo das mil e uma noites, profusamente colorido em cambiantes de sonho. Será, pois, de estranhar que um dos seus personagens seja um jovem príncipe oriental e que a intriga circule à volta da desaparição de uma jóia fabulosa, a "lágrima de Shiraz", onde as Mil e Uma Noites se cruzam com Os Três Mosqueteiros? E que o instrumento que o pai da jovem Zoe toca seja a flauta, de acordes mágicos e anestesiantes? Essa aventura irá permitir a Zoe reunir a sua família dispersa, o que significa também voltar as costas à cidade, dado que tal encontro se realiza na Europa, no terreno em que nasceu a civilização ocidental, a Grécia.

Para Woody Allen a fixação à cidade é quase patológica. Nova Iorque, ou melhor, Manhattan, transforma-se na Grande Mãe, vigilante e dominadora, que se pode detestar mas não se pode ignorar nem passar sem ela. Neste segmento, que pessoalmente considero o mais importante do filme (porque o mais empenhado e assumido, sem receio do próprio grotesco expresso na espantosa sequência do rosto da mãe pairando sobre a cidade e denunciando a quem quer ouvir os fracos do seu filho), Woody Allen faz, de forma concentrada, um balanço da sua obra. **Oedipus Wrecks** é percorrido por todas as suas obsessões: o percurso habitual pelo psicanalista, simultaneamente inútil e revelador, o desequilíbrio afectivo e a insegurança do personagem, que procura nas várias mulheres a imagem materna. E é só quando essa busca chega ao fim, ao encontrar Treva, onde a mãe finalmente se reconhece (ou onde o herói finalmente encontra essa imagem, o que vem a dar no mesmo), que esta pode desaparecer do horizonte dado que assegurou a sua sucessão na vida do filho (a conversa final com Treva e o ar resignado de Sheldon Mills-Woody Allen, que vê a situação original repetir-se).

A cidade como elemento dispersor, aglutinador e opressivo. Tais são as facetas que se revelam nos episódios deste filme, a cada uma correspondendo uma tonalidade diferente para a qual cada director de fotografia soube traduzir o olhar peculiar que cada autor lançou sobre a cidade.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico